

RODRIGO GAVINI/AT



O MECÂNICO Silvio Fardin coloca sacos de areia na frente de casa para tentar conter a destruição. “Os sacos estão segurando a estrutura. Se não tivesse colocado, já não teria mais nada aqui”, afirmou

Destruição em Ponta da Fruta

Avanço do mar está derrubando árvores e muros de casas e comércio no bairro. Moradores improvisam alternativas

Daniel Figueredo

O avanço do mar está causando destruição em Ponta da Fruta, bairro de Vila Velha. Comerciantes e moradores estão tentando, a todo custo, estancar a destruição causada pela maré. Muros, castanheiras e coqueiros estão sendo derrubados pela força das ondas, e moradores estão usando sacos de areia como suportes nas construções dos imóveis.

Segundo eles, mesmo sem a ressaca — período de ondas fortes e violentas que normalmente ocorre em março —, com a chegada de frentes frias, o mar avança. “Desde o início do ano, percebemos que a faixa de areia está menor. Subiu an-

tes da hora”, afirmou a empresária Isabela Fardin, de 34 anos.

O pai dela, o mecânico Silvio Fardin, de 61 anos, coloca sacos de areia na frente de casa para tentar conter a destruição. “Os sacos estão segurando a estrutura. Se não tivesse colocado, já não teria mais nada aqui”, afirmou.

O fenômeno tem atingido mais a Praia Rasa. Segundo o presidente da associação de moradores do bairro, Edil Canoa, já foram derrubados quatro muros e seis árvores.

“Os comerciantes não têm como abrir, os pescadores não têm como ir para o mar ou onde deixar os barcos. Alguma obra tem de ser feita para acabar com o problema.”

Segundo Edil, uma obra de um píer foi apresentada para ser construída na região há alguns anos, mas não voltou a ser discutida.

O comerciante Itamar da Silva, 55, olhava o mar no fim da tarde de ontem. Uma árvore em frente ao restaurante dele ameaça cair. “Não tem muito o que fazer, não tem como lutar contra a maré, ela ainda vai subir muito”, lamenta.

Prefeitura monitora estrago

A Defesa Civil de Vila Velha está monitorando os estragos causados às residências de Ponta da Fruta. Segundo o órgão, apesar dos danos causados a muros e calçadas, ainda não há risco estrutural nas residências de Praia Rasa, área mais atingida pelo avanço da maré.

A Prefeitura de Vila Velha informou que está trabalhando com cerca de 20 funcionários na região para fazer a remoção das árvores, a maioria castanheiras. Segundo a

prefeitura, como as árvores estão com as raízes expostas, há risco de desabamento. Para a retirada das árvores, as equipes contam com o auxílio de três caminhões-basculantes e uma pá-carregadeira.

O Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema) informou que houve duas consultas ao órgão para a construção de um píer para conter a maré, mas não foi dada entrada no licenciamento ambiental para a efetivação da construção.



PERIGO

O AVANÇO da maré está fazendo com que moradores usem sacos de areia e pneus para tentar conter a destruição.

Em alguns locais, muros já foram derrubados e em outros o avanço começa a preocupar pois está expondo a fundação de casas e comércios da região, além de raízes de árvores.

Seca provoca erosão nas praias

A erosão que está ocorrendo em algumas regiões do Estado, como Ponta da Fruta, Conceição da Barra e outros balneários, tem como vilã a seca que atinge o Estado.

Segundo o geógrafo e geomorfólogo Roberto Vervloet, a baixa vazão dos rios reduz a quantidade de sedimentos nas praias, o que faz com que o mar avance mesmo quando não há a presença de frentes frias.

“O que provoca erosão na praia é um equilíbrio entre os sedimentos dos rios e o que é espalhado pela costa pelas ondas. Quando não sofre processo erosivo, quer dizer que está em equilíbrio. O Sul do Estado, por ter poucos rios, sofre naturalmente um processo de erosão mais constante”, explicou.

Vervloet explicou que é possível conter o avanço da maré com

obras, mas que elas devem ser bem estudadas e que, muitas vezes, o custo de remover as famílias da região é menor do que a realização desses empreendimentos.

“Uma obra que não seja bem feita acaba transferindo o problema para uma região periférica. Por exemplo, a obra de Conceição da Barra, que custou R\$ 50 milhões, não foi completa e não controlou o problema. Com esse valor, seria possível realocar a maioria das famílias”, afirmou.

Ele explicou também que ações como construções de estrutura para marés alteram a dinâmica do meio ambiente do local, o que pode afetar, por exemplo, a atividade pesqueira. “Isso tudo tem um custo social grave, se não for bem articulado agrava a situação da pesca, do turismo e outras atividades.”



ACERVO PESSOAL

“Uma obra que não seja bem feita acaba transferindo o problema para uma região periférica”

Roberto Vervloet, geógrafo